REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 9, n. 1, mai.-ago. 2023
Missões

PENSO, LOGO INSISTO: NARRATIVAS SOBRE DOUTRINAÇÃO NA FOLHA DE S. PAULO

I THINK, THEREFORE I INSIST: NARRATIVES ABOUT INDOCTRINATION IN FOLHA DE S. PAULO

PIENSO, LUEGO INSISTO: NARRATIVAS SOBRE EL ADOCTRINAMIENTO EN EL FOLHA DE S. PAULO

Silvia Vitorassi[1]

Recebido em: 20/08/2023
Aceito em: 04/09/2023

Resumo: Este artigo é uma parte do projeto de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da UDESC (PPGH) e tem como temática a análise da narrativa construída na Folha de S. Paulo sobre o discurso de doutrinação promovido pelo Escola Sem Partido (ESP). O objetivo deste trabalho está centrado na tentativa de perceber como o impresso muda seu discurso sobre o movimento do ESP a partir do momento que também passa a ser perseguido, no período 2013-2020. O período escolhido tem como ponto de partida as manifestações de junho de 2013 e passa pelos últimos três governos no Brasil, demonstrando o percurso narrativo no período de ascensão de uma nova direita.

Palavras-chave: Escola Sem Partido; Folha de S. Paulo; Doutrinação; Conservadorismo; Narrativa;

Abstract: This article is part of the ongoing doctoral project in the Graduate Program in History at UDESC (PPGH) and its theme is the analysis of the narrative constructed in Folha de S. Paulo about the discourse of indoctrination promoted by Escola Sem Partido (ESP). The objective of this work is centered on the attempt to understand how the newspaper changes its discourse on the ESP movement from the moment it is also persecuted, in the period 2013-2020. The chosen period starts with the June 2013 demonstrations and goes through the last three governments in Brazil, demonstrating the narrative path in the period of the rise of a new right.

Keyword: School Without Party; Folha de S. Paulo; Indoctrination; Conservatism; Narrative;

Resumen: Este artículo forma parte de un proyecto de doctorado en curso en el Programa de Posgrado en Historia (PPGH) de la UDESC y su tema es el análisis de la narrativa construida en Folha de S. Paulo sobre el discurso de adoctrinamiento promovido por la Escola Sem Partido (ESP). El objetivo de este trabajo se centra en el intento de comprender cómo el periódico cambia su discurso sobre el movimiento ESP desde el momento en que también es perseguido, en el período 2013-2020. El período elegido comienza con las manifestaciones de junio de 2013 y pasa por los tres últimos gobiernos en Brasil, demostrando el recorrido narrativo en el período de auge de una nueva derecha.

Palabras-chaves: Escuela sin partido; Folha de S. Paulo; Adoctrinamiento; Conservadurismo; Narrativa.

INTRODUÇÃO

O presente texto é uma amostra do projeto de doutorado desenvolvido no campo da História do Tempo Presente (HTP) no Programa de Pós-Graduação em História da UDESC

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: vitorassi.silvia@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3446-4984.

DOI:

(PPGH), seguindo as concepções metodológicas próprias da sua estrutura. A HTP é um campo que está vinculado à História Política e, de certa forma, é um campo híbrido – conectado ao Jornalismo, à Ciência Política, à Sociologia. Este campo de estudo surge na sociedade ocidental que experimentou os regimes de exceção e passou a clamar por justiça no pós-Segunda Guerra Mundial (aqui podemos citar a guerra, mas também as ditaduras, por exemplo). Portanto, é próprio do campo e importante para o tempo presente pensar passados não resolvidos, debater as questões ideológicas e políticas bem como a responsabilidade cívica.

O Escola Sem Partido (ESP) já foi alvo de diversos estudos e não é necessariamente novo em muitos campos de conhecimento, exatamente pela relevância do debate que propõe, afinal os estudos a respeito desta temática passam pelo seu caráter fundamentalista, tecnicista, gerencialista – neste caso pelo pressuposto da iniciativa privada em assumir e controlar serviços públicos – e conservador, contribuindo muito para pensarmos a educação e a sua dimensão em diversos ambientes, sejam eles midiáticos, familiares, religiosos ou políticos.

Passei a coletar as minhas fontes no acervo FOLHA[2] e consegui reunir mais de 100 matérias e textos de colunistas que falavam sobre Escola Sem Partido, doutrinação, perseguição a professores e caminhos para a educação, entre os anos de 2013 e 2020. Organizei a pesquisa pensando em três momentos políticos do pós-Jornadas de Junho de 2013: 1. Junho de 2013 a agosto de 2016, governo Dilma Rousseff; 2. Setembro de 2016 a dezembro de 2018, governo Michel Temer; 3. Janeiro de 2019 a dezembro de 2020, governo Jair Bolsonaro e primeiro ano da pandemia de Covid19. É extremamente importante dividir a pesquisa por períodos políticos, pois ajuda a desenhar as fases de maior incidência do discurso de doutrinação e também a delimitar em qual ponto existe, ou não, uma "virada" nas páginas do jornal. No entanto, ressalto que o trabalho não é construído apenas numa linha cronológica, apesar da organização e tabulação demandarem esse esforço, bem como ainda não está concluído.

Doutrinação virou palavra de ordem para a direita nos últimos anos. Uma "ordem" construída em cima da lógica colonialista que há muito se enraizou neste país, uma "ordem" que tem cor, gênero e religião, ressurgindo em 2013 e avançando rapidamente rumo às eleições para a presidência do Brasil em 2018. Refletir sobre doutrinação vai além de pensar a educação, pois toca nos mais profundos problemas sociais deste país.

[2] O **Acervo Folha** é a compilação digitalizada do jornal ***Folha de S. Paulo***. Com 1,8 milhão de páginas, abrangendo 90 anos de exemplares publicados sobre o Brasil e o mundo. O serviço foi lançado em fevereiro de 2011.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

Quando Patrícia Campos Mello – jornalista da *Folha de S. Paulo* –, foi atacada vulgarmente pelo ex-presidente Jair Bolsonaro[3] e apontou em seu livro *A Máquina do Ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital* o caminho construído pela dita "nova direita" para ascender ao poder e seu massacre à imprensa, já não era nenhuma novidade para nós, professores, o encurtamento da liberdade de ensinar, os quais sentimos diariamente há algum tempo no Brasil.

Jornalistas e professores estão sendo perseguidos por grupos de extrema-direita e por religiosos fundamentalistas, o negacionismo científico tem promovido grandes retrocessos no debate público e a ascensão de um discurso autoritário e teocrático vêm assustando quem está minimamente preocupado com a democracia brasileira: esse é o resultado de uma combinação de fatores que a nova direita e o bolsonarismo nos trouxeram e, a meu ver, é o discurso doutrinário sobre a educação que vai permitir chegarmos ao atual cenário da educação no Brasil. Analisar os caminhos percorridos pela *Folha de S. Paulo* neste processo é essencial para compreender dois pontos: 1. Pensar o jornalismo dito "apartidário" da *Folha*, lançando um olhar sobre sua postura editorial; e 2. A mudança de discurso a respeito da doutrinação na educação quando passam a ser alvo do discurso de ódio difundido pelo bolsonarismo.

Este trabalho se dedica a fazer uma análise sobre a imprensa, a política e a educação no Brasil, sem perder de vista o objetivo de refletir sobre qual é o papel do ensino e do pensamento crítico em sala de aula na construção de uma sociedade plural e mais igualitária. Por isso é importante desconstruir qualquer discurso associado à ideia de doutrinação, recentemente movido por grupos que pretendem evitar que a escola seja um desafio aberto e crítico às capacidades e possibilidades de seus integrantes, mas também precisamos entender como este conceito foi construído e se associou aos discursos de tendência mais conservadora, passando a ser divulgado massivamente na mídia. Utilizo aqui "tendência conservadora", pois ser conservador tem um significado histórico que é diferente em cada cultura ou experiência específica. Não há um único conjunto de políticas que sejam universalmente consideradas como conservadoras, porque o significado de conservadorismo depende do que é considerado tradicional em um determinado lugar e tempo (VITORASSI, 2018).

De acordo com Tiziano Bonazzi (Bobbio, 1998), o termo conservadorismo surge dentro do processo de laicização europeu no século XVIII a partir das ideias de Edmund Burke, filósofo e crítico da ideologia da Revolução Francesa. Para Burke, resumidamente, a sociedade

[3] Eleito Presidente da República no segundo turno das eleições do ano de 2018 pelo Partido Social Liberal (PSL) para o mandato 2019-2022, tomou posse do cargo no dia 1º de janeiro de 2019.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

deveria se adaptar ao processo de mundanização da vida sem se afastar do ideal moral, o qual estaria ligado a um sistema universal de valores. Neste contexto histórico, o conservadorismo surge como uma alternativa ao progressismo e os dois termos passam a figurar nas teorias políticas.

Entre pesquisadores que se debruçam no estudo do Escola Sem Partido, Fernando de Araújo Penna[4] figura os debates atuais e as produções mais recentes a respeito. Em uma entrevista concedida no ano de 2020, publicada na Revista Tempo e Argumento[5], o professor Fernando Penna falou sobre os estudos em torno do ESP:

> [...] nós estamos construindo um objeto de pesquisa. Antes de 2015, pelo menos em levantamentos que tenho feito, não encontrei artigos acadêmicos discutindo sobre o Escola Sem Partido, era algo que não se constituía enquanto um objeto do nosso campo, apesar de ser um movimento que já tinha surgido em 2004 (PENNA; VITORASSI, 2021, p. 9).

Nessa entrevista, Penna falou sobre sua experiência pessoal no combate ao ESP, as dificuldades do campo e da análise das fontes, bem como o impacto nas salas de aula e no dia a dia de professoras e professores que se autocensuram por falta de apoio, além de citar a atuação do grupo nas redes sociais aproveitando a ascensão conservadora. Ainda sobre a construção de um objeto de pesquisa, fez uma fala importante que, para mim, serviu como um guia ao trabalhar com a temática:

> [...] hipoteticamente falando: você está estudando o Escola Sem Partido, e aí tem uma decisão do Supremo, o advogado Miguel Nagib diz que vai sair do movimento, efetivamente fechou a página do Facebook e parece que não vai mais se engajar. O seu objeto morreu? Tudo depende de como você constrói esse objeto, se estiver preocupada com um discurso reacionário mais amplo, claro que não. Essa é a dificuldade de se trabalhar com uma História do Tempo Presente (PENNA; VITORASSI, 2021, p. 12).

No Brasil, nomes como Marialva Barbosa (UFRJ), Sônia Meneses Silva (URCA) e Tânia de Luca (UNESP), desenvolveram teses de doutorado entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, contribuindo significativamente para o estudo da imprensa no campo historiográfico. De acordo com Silva (2008), o fim do século XX trouxe uma consciência

[4] Doutor em Educação pela UFRJ, atualmente é coordenador do Movimento Educação Democrática e líder do grupo de pesquisa "Núcleo de Estudos em Educação Democrática" (NEED) e tem dedicado suas pesquisas recentes aos temas: educação democrática, ensino de história e “escola sem partido”. Para saber mais: http://lattes.cnpq.br/9967596498287478. Acesso em: 21 maio 2023.
[5] Revista do Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente da UDESC.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

histórica difusa modificando percepções de tempo e espaço, e neste contexto os recursos midiáticos proporcionaram uma "espetacularização do acontecimento".

Utilizando-se do trabalho de Jurgen Habermas[6], Silva orienta que desde os séculos XVII e XVIII aconteceu, junto de uma acelerada produção de impressos e um número maior de pessoas em eventos públicos, a sistematização de uma opinião pública[7] estabelecendo uma comunicação em larga escala e, consequentemente, formando opiniões. A partir deste momento a informação como mercadoria tornar-se-ia uma prática comum. Em outro trabalho, Silva (2012) utiliza-se do exemplo da *Folha de S. Paulo* diante das ações frente ao golpe de 1964**:**

> [...] a imagem do *Jornal Folha de São Paulo* como um jornal "crítico, democrático, apartidário e plural" é o que podemos definir como um bem articulado projeto de ressignificação da memória e uma engenhosa operação de esquecimento programado sobre sua conduta de apoio e alinhamento com os governantes militares durante quase todo o período em que esses permaneceram no poder (SILVA, 2012, p. 37).

Partindo desta análise, Silva define o conceito de operação midiográfica, elaborado pela autora para articular as práticas e elementos que conformam a produção midiática, a qual contém três etapas bem definidas: 1. O evento midiático – construído diariamente através das notícias; 2. O evento memorial – utilizando-se de narrativas insistentes do passado; 3. O acontecimento histórico – onde estes eventos tornam-se objeto de reflexão no campo acadêmico. Estas três etapas serão utilizadas aqui para perceber a linha narrativa construída pela *Folha* em relação ao Escola Sem Partido.

EDUCAÇÃO, DOUTRINA E IDEOLOGIA

Para compreendermos como o debate sobre doutrinação ganha espaço e vai se transformando, é necessário realizar uma análise do percurso narrativo do periódico a respeito do tema. O critério de escolha dos textos aqui foi um só: os que traziam a noção de doutrinação atrelada ao marxismo ou à esquerda, fossem eles defensores da suposta doutrinação ou contrários a esta noção. Destes textos, 18 são do período 2013-2018 e 10 do período 2019-2020. Aponto este marco cronológico para lembrar que o contexto político é um fio condutor do

[6] HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**. São Paulo: Col. Biblioteca do Tempo Universitário, 2003.

[7] A opinião pública é um termo que se forma a partir do debate público em torno da construção do Estado Moderno e de questões políticas. Tem por função permitir aos cidadãos uma participação política eficaz, além de fornecer condições de poder manifestar e debater opiniões sobre questões de interesse geral.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

debate que estou propondo, mais a frente ele será importante para conseguirmos visualizar algumas mudanças de discurso.

O que pude perceber ao iniciar a análise é bastante significativo: o fato de que no período 2013-2018 a escolha de colunistas que atacavam a suposta "doutrinação marxista" nas escolas e universidades, bem como os que se consideravam partidários do movimento Escola Sem Partido foi muito maior do que no período 2019-2020; o que fica mais evidente aqui é o mês de novembro de 2018, que sugere uma "virada de chave" na postura narrativa da *Folha*. Não à toa novembro, pois é no final de outubro do mesmo ano que a nova direita consagra seu favoritismo nas urnas com a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência do Brasil no mandato 2019-2022. O futuro presidente já demonstrara anteriormente seu desgosto pela imprensa tradicional e já dava indícios na campanha eleitoral de como lidaria com os jornalistas, algo que pudemos acompanhar logo no momento da posse[8].

Mas como chegamos até aqui? É por isso que nos distanciaremos temporalmente da posse presidencial e retornaremos a 2013, ano que se tornou símbolo de ascensão das ideias conservadoras, tema delicado entre intelectuais que debruçam seus estudos nas chamadas "Jornadas de Junho": de um lado, grupos que enxergam o movimento como um símbolo de insatisfação popular e do outro, grupos que enxergam o período como a catapulta da ascensão conservadora no Brasil. Não é de meu interesse debater o movimento em si, porém, acredito que 2013 contribuiu definitivamente para a consolidação de uma mentalidade conservadora que conseguiu se unir e se fortalecer no descontentamento da nação brasileira: é neste ponto que vimos crescer a tal nova direita.

A primeira matéria que encontrei no acervo Folha que falava sobre doutrinação marxista é de outubro de 2013[9], escrita pela pecuarista Katia Abreu, ex-Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento no segundo governo de Dilma Rousseff (2015-2016). O texto versa sobre a predominância do marxismo nas universidades e como são "as únicas ferramentas conceituais aceitas nas instituições", apontando que:

> Com a causa ambiental absorvida pelo marxismo cultural, o inimigo do presente também inviabiliza o futuro. O agricultor é a versão rural da elite urbana. Essa imagem

[8] Segundo matéria veiculada pelo Brasil de Fato em 01 de janeiro de 2019: "Submetidos a normas rígidas impostas pela segurança do evento, repórteres, fotógrafos e cinegrafistas ficaram impedidos de circular entre os diferentes espaços da cobertura. [...] Entre as regras definidas pela organização para a cobertura, os jornalistas não puderam portar itens como Equipamentos de Proteção Individual (EPI), sugeridos pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) desde 2014, e garrafas d´água". Para saber mais: https://www.brasildefato.com.br/2019/01/01/hostilidades-a-jornalistas-marcam-posse-presidencial-de-bolsonaro. Acesso em: 21 maio 2023.

[9] Sábado, 05 de outubro de 2013. Mercado. *Doutrinação e demonização*.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

> não aparece de modo claro, direto, mas emerge do emaranhado de afirmações, insinuações e lacunas que devem ser preenchidas pelos alunos. (ABREU, 2013)

No mesmo texto, Abreu discorre sobre como essa predominância colocaria o produtor rural como "explorador" e como a "causa ambiental foi absorvida pelo marxismo cultural", descontextualizando a defesa e as causas do MST, além de apontar autores de livros didáticos como "opinativos" quando defendem que o Brasil tem "abundância produtiva e fome generalizada" e que a questão fundiária estaria sendo distorcida, apesar de não apontar em seu texto fatos que demonstrem o suposto "equívoco" dos autores.

Em outro ponto, ao apontar relação das causas ambientais com o marxismo cultural, Abreu não se atentou ao fato de que em março do mesmo ano foi lançado o Relatório de Desenvolvimento Humano 2013[10] pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O Relatório da PNUD apontava, já em 2013, a possibilidade de uma "catástrofe ambiental" em 2050. Em matéria do portal de notícias G1 do dia 14 de março de 2013[11] destaca-se o trecho a seguir:

> Ao fim dos próximos 37 anos, são estimadas mais de 3 bilhões de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza, das quais pelo menos 155 milhões estariam na América Latina e no Caribe. E essa condição demográfica e social seria motivada também pela degradação do meio ambiente e pela redução dos meios de subsistência, como a agricultura e o acesso à água potável (Portal G1, 2013).

Em 2014[12] Dilma foi reeleita em outro contexto de crise econômica e em meio ao movimento para a Copa do Mundo, sediada no Brasil naquele ano e motivo para diversos protestos[13]. Retomando a publicação de Guilherme Boulos na *Folha* em outubro de 2014, o recente período democrático brasileiro "não viu um Congresso tão atrasado" quanto o que havia sido eleito, mais um sintoma da tal "onda conservadora".

Isso pôde ser percebido com as críticas à "predominância de esquerda" no ENEM, tanto na edição de 2014 quanto na de 2015. Em ambos os casos, políticos conservadores como Jair

[10] O Relatório completo pode ser acessado neste link: https://hdr.undp.org/en/content/relat%C3%B3rio-do-desenvolvimento-humano-2013-0. Acesso em: 21 maio 2023.
[11] A matéria está disponível no link a seguir: https://g1.globo.com/natureza/noticia/2013/03/relatorio-da-onu-preve-catastrofe-ambiental-no-mundo-em-2050.html. Acesso em: 21 maio 2023.
[12] Considerado também um momento político conturbado com a disputa entre Dilma Rousseff e Aécio Neves no segundo turno das eleições, a mais acirrada desde o período de redemocratização no Brasil. https://m.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1537894-dilma-e-reeleita-presidente-do-brasil.shtml. Acesso em: 21 maio 2023.
[13] Inspirados pelo movimento de 2013, dessa vez as manifestações focavam o governo petista, atacando a figura de Dilma Rousseff e pedindo investimentos sociais e não nos estádios para a Copa.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

Bolsonaro e o pastor Marco Feliciano[14], reeleitos no pleito de 2014, se posicionaram denunciando o desequilíbrio das questões do exame, argumentando que textos e ideias de autores "não marxistas" não aparecem.

Em 2015 foi publicada matéria[15] a respeito de críticas ao conteúdo da redação do exame que, ao trazer o trecho de um texto da filósofa feminista Simone de Beauvoir e tratar do tema*: A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*, gerou agito nas redes sociais. A matéria tem um tom alinhado à ideia de que de fato seria ideológica, ao apontar que "candidatos do ENEM que não conhecem Simone de Beauvoir devem se preocupar" (SANT'ANA, 2015, f. B8). No entanto, o que chama mais atenção de quem está analisando a postura do jornal diante da temática não é a matéria em si, mas a propaganda ao lado dela. Ao lado da matéria foi publicada uma propaganda dos livros que se tornaram – ironicamente – "bíblias" da nova direita, os "guias politicamente incorretos" do jornalista Leandro Narloch e do filósofo Luiz Felipe Pondé. Altamente controversos e apresentando ideias rechaçadas no meio acadêmico por historiadores, os livros foram amplamente divulgados e adotados pelos conservadores, mas também por setores populares da sociedade.

O "Guia politicamente incorreto da História do Brasil" lançado em 2009 e precursor da série, é considerado negacionista, cheio de erros históricos e de anacronismos. Conforme o historiador Renato Venancio o livro "apresenta graves deficiências de pesquisa e interpretação" (2012, p. 1). Na propaganda podemos ver anúncios de pré-venda pela Livraria da *Folha* para o dia 10 de novembro do mesmo ano de um novo título da série com desconto:

[14] Líder fundamentalista de uma igreja neopentecostal ligada à Assembleia de Deus e também político filiado ao Partido Liberal (PL).
[15] Emílio Sant'Ana. Terça-feira, 27 de outubro de 2015. Cotidiano. *Fla-Flu do ENEM*.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

IMAGEM 1 – MATÉRIA VEICULADA NA FOLHA DE S. PAULO.



Fonte: acervo Folha. Terça-feira, 27 de outubro de 2015. Cotidiano.

Não à toa me despertou atenção estar publicado ao lado desta matéria. Em estudo sobre o Movimento Escola Sem Partido (MESP), o qual analisou os projetos de lei e projetos a ele relacionados, a historiadora Fernanda Pereira de Moura apontou em sua dissertação de mestrado o seguinte trecho:

> No site, encontramos artigos variados com críticas ao modelo de educação (chamado pelos autores de doutrinação) defendido por Paulo Freire, e uma área com links para informações sobre os livros recomendados pelo movimento, chamada de "Biblioteca Politicamente Incorreta". Nesta, são indicados apenas quatro livros: O Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil (NARLOCH, 2012), o Guia Politicamente Incorreto da América Latina (NARLOCH e TEIXEIRA, 2011), O livro Por uma Crítica da Geografia Crítica (FILHO, 2013) e o livro Professor Não é Educador (WURMEISTER, 2012) - este último tem o título sempre repetido pelos defensores do projeto (MOURA, 2016, p. 24).

A divulgação destes livros por parte da *Folha de S. Paulo* é de extrema importância para esta pesquisa, pois demonstra a postura empresarial do periódico quanto à temática. Ainda na

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

mesma matéria apresentada ao lado do anúncio, o autor traz a perspectiva de Dilma Rousseff e Aloizio Mercadante[16], que se posicionaram a favor do exame e da publicação do texto de Beauvoir, dizendo que "o combate à violência contra a mulher é importante" além de "trazer reflexão". Já na visão do então diretor do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), Reynaldo Fernandes, "a tal doutrinação é condicionamento de quem vê apenas o que quer" e que não há proselitismo político, afinal a prova é elaborada com questões do Banco Nacional de Itens[17].

O contexto apresentado acima vai alçar ainda mais a pauta defendida pelo MESP, pois interesses vão convergir. Na análise de Moura, o ano de 2014 será o início do terceiro momento de expansão do ESP:

> [...] por ocasião da crise política e da polarização da sociedade em torno das campanhas presidenciais da então presidenta Dilma Rousseff e do senador Aécio Neves, e se estende até o atual momento. A oposição ao governo Dilma, como veremos, responsabilizou o partido da então presidenta pela suposta doutrinação "comunista-homossexual". Desde o início do processo de impeachment contra a presidenta, no final de 2015, o MESP parece ter alcançado ainda mais destaque, uma vez que a denúncia pelos professores de ruptura da ordem democrática era respondida pelo movimento como abuso da liberdade de ensinar e doutrinação política e ideológica. (MOURA, 2016, p. 28)

Em 2015 o ENEM foi novamente alvo de críticas nas páginas da *Folha de S. Paulo*, desta vez uma das questões[18] que continha um texto do filósofo Slavoj Zizek e tratava da alteridade, foi criticada pelo sociólogo Demétrio Magnoli[19], que utilizou em seu texto os seguintes termos ao se referir a Zizek: "charlatão", "palha do Partido Comunista Esloveno", "profeta do apocalipse do sistema capitalista" e "um pensador extremista". No texto ele questiona o fato de existir preconceito ocidental contra muçulmanos quando se fala em "choque de civilizações" e chama o exame de "cartilha da doutrinação".

Esse tipo de publicação vai estar presente nas páginas da *Folha* ao longo dos anos seguintes, mas, em níveis menores, o ponto de vista oposto começa a surgir também,

[16] Professor e ex-Ministro da Educação do Brasil.
[17] O Banco Nacional de Itens (BNI) fornece insumos para as diversas avaliações e exames desenvolvidos pelo Inep, assegurando acesso a itens de qualidade, elaborados e revisados para cada instrumento de medição, seja prova, seja questionário. Para saber mais: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/bni. Acesso em: 21 maio 2023.
[18] O texto e a questão podem ser consultados neste link: https://descomplica.com.br/gabarito-enem/questoes/2015/primeiro-dia/quanto-ao-choque-de-civilizacoes-e-bom-lembrar-a-carta-de-uma-menina-americana-de-sete-anos-cujo/. Acesso em: 21 maio 2023.
[19] Demétrio Magnoli. Sábado, 07 de novembro de 2015. Poder. *O atentado*.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

demonstrando que os opositores ao ESP começaram a enxergar naquele movimento um problema real, levando em consideração todo o aparato político e religioso por trás da questão.

Em uma publicação de Setembro de 2016[20] o lema "Escola Sem Mordaça"[21] serviu como título de um texto do economista Gustavo Ioschpe[22], porém, ao ser utilizado como recurso narrativo e apresentado de forma irônica, o autor demonstrou sua posição favorável ao ESP ao longo do texto. Mobilizando um lema de oposição ao ESP no título, o conteúdo em si põe em xeque essa postura ao abrir o diálogo com o leitor dizendo que existe uma "problemática" na ideia de querer "formar cidadãos conscientes" e não em querer "transferir conhecimento".

Ao trazer essa questão, temos dois pontos para levar em consideração: 1. A escolha da *Folha* ao colocar um economista para falar de educação; 2. A fragilidade de conhecimento no que se refere à importância em levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos em sala de aula, o qual inclui trajetória de vida, contexto social e econômico, referências culturais e parentais, ou seja, o papel dos professores não é o de transferir um conhecimento pronto e acabado, mas sim fornecer ferramentas de aprendizagem suficientes para que estudantes as transformem em conhecimento.

No mesmo texto o autor critica o fato de que professores sejam favoráveis à igualdade e afirma que há nisso um "viés político" – fazendo alusão à gestão petista –, além disso Ioschpe destaca que as escolas são "templos de doutrinação" com "viés filosocialista" e que se declara partidário da causa do ESP, discordando apenas da dose do movimento, o qual, para ele, teria solução não com cartazes e lei, mas na ação dos pais em se unirem indo atrás das secretarias de educação. Com esse tipo de afirmação o autor só reforça o movimento de perseguição impulsionado pelo ESP.

Outra publicação[23] que chama atenção no ano de 2016 discorre sobre a ocupação das escolas[24] por estudantes secundaristas, movimento visto pelo autor como "subserviente a partidos de esquerda e ideologias" o qual, em sua visão, não produziu alternativas e

[20] Gustavo Ioschpe. Domingo, 04 de setembro de 2016. Ilustríssima. *Escola sem mordaça*.
[21] A "Frente Nacional Escola Sem Mordaça", foi criada em 2016 em referência à luta contra o Projeto de Lei (PL) 7180/2014, conhecido como "Escola sem Partido".
[22] Economista com graduação em Ciência Política e Administração estratégica pela Wharton School, na Universidade da Pensilvânia, e Mestrado em Economia internacional em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Yale.
[23] Eduardo Cucolo. Sexta-feira, 04 de novembro de 2016. Opinião. *Escolas com partidos*.
[24] Movimento estudantil de ocupação de escolas no Brasil em 2016 que protestava, principalmente, contra a PEC 241, o PL 44, o Escola Sem Partido e o Novo Ensino Médio, além da precarização do ensino e dos espaços físicos das escolas.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

demonstrava a doutrinação no movimento secundarista pelo "silêncio nos 13 anos dos últimos governos".

Textos como os citados anteriormente e que são frequentes na *Folha* antes do período eleitoral de 2018 demonstram uma postura que reafirma a intimidação aos professores, que não debate a tal "doutrinação" sob outras perspectivas, como a religiosa por exemplo, e que se alinham à onda conservadora já citada. Nesse viés, vemos de forma recorrente jornalistas, economistas e administradores escrevendo sob um ponto de vista marcadamente liberal e alinhado aos anseios de uma classe média, mas pouco vemos espaço para diretores de escolas, professores de ensino fundamental e médio, pedagogos e até mesmo historiadores a mostrarem a realidade do processo de ensino escolar no Brasil.

No ano de 2017 dois episódios relacionados à questão da perseguição e doutrinação em escolas brasileiras chamaram a atenção, ambos noticiados na *Folha*: o primeiro[25], em abril, ocorreu em São Paulo. Na ocasião o então vereador Fernando Holiday[26], integrante do Movimento Brasil Livre (MBL)[27], postou um vídeo falando sobre uma visita surpresa em uma escola municipal paulista, indicando que iria "fiscalizar"; Holiday foi procurado pelo jornal e não quis dar entrevista.

O segundo[28] episódio foi em agosto de 2017 em Manaus em uma escola estadual da Polícia Militar. Neste caso é possível ver alunos enfileirados e uniformizados convidando Jair Bolsonaro – que na época ainda não era Presidente, mas já ocupava cargo político, além de já ser conhecido por declarações polêmicas e antidemocráticas – para sua formatura, em um vídeo que circulou na internet[29] e gerou muitas críticas. No vídeo em questão a turma do terceiro ano do Ensino Médio exalta a trajetória de Bolsonaro e repete em coro as palavras de ordem dadas por um policial militar.

Nos dois episódios vê-se casos de intimidação e doutrinação, mas nenhum deles teve consequências mais graves e responsabilização. Sobre Fernando Holiday, o vereador apenas disse na Câmara que "foi uma polêmica embasada em desinformação". Na parte de Editoriais, após a publicação da denúncia, a *Folha* publicou um texto onde diz que "a reportagem é

[25] Karime Xavier. Quarta-feira, 05 de abril de 2017. Cotidiano. *Secretário de Dória diz que vereador ligado ao MBL intimidou professores.*
[26] Fernando Silva Bispo foi coordenador nacional do Movimento Brasil Livre (MBL) e ganhou notoriedade ao convocar protestos a favor do impeachment de Dilma Rousseff. É vereador reeleito em São Paulo.
[27] O Movimento Brasil Livre é um movimento político brasileiro liberal conservador e vinculado à direita, ativo desde 2014.
[28] Fabiano Maisonnave. Quarta-feira, 09 de agosto de 2017. Poder. *Em vídeo, alunos de ensino médio exaltam Bolsonaro.*
[29] Link para o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=OGnSEfIJH4I. Acesso em: 21 maio 2023.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

relevante, mas que desperta opiniões extremadas" além de afirmar também que "não resta dúvida de que haja doutrinação nas escolas", encerrando essas afirmações com a frase "Marxismo rudimentar é recurso a professores que mal dominam suas disciplinas", sugerindo uma ampliação do leque de ideias e formação docente.

Sobre o vídeo na escola de Manaus, o representante da OAB Glen Wilde Freitas classificou o ato como "doutrinação nazifascista", no entanto, a matéria é curta, não tem destaque e a crítica não passou do comentário citado, demonstrando mais uma vez que, ao escolher não se posicionar de forma contrária e crítica ao episódio, a *Folha* parecia apontar uma postura frente ao tema.

Os anos de 2017 e 2018 foram marcados por perseguição e extremismo, resultado da ascensão do ESP e da campanha política à presidência respectivamente. Os textos publicados neste período trazem temas como: a intolerância nas universidades, xingamentos direcionados à Editora de um dos selos do jornal por publicar um livro com o tema do comunismo e o debate sobre o retorno de disciplinas da Ditadura Militar como EMC (Educação Moral e Cívica) e OSPB (Organização Social e Política do Brasil). É neste momento que os textos publicados mudam: a escolha dos colunistas e jornalistas, a preocupação em trazer outros pontos de vista e principalmente mais pessoas que se posicionam contrárias ao ESP demonstra uma mudança de postura.

Ao final de 2018, em meio a propagandas políticas e declarações que demonstravam o interesse de Jair Bolsonaro em trazer de volta as disciplinas EMC e OSPB aos moldes da ditadura militar, começaram a tornarem-se recorrentes os textos de um jornalista em específico: Paulo Saldaña[30]. Os textos de Saldaña não só se mostraram muito mais sóbrios e sensatos, como passaram a figurar dentro da *Folha* uma oposição a outros textos que demonstravam pouco ou nenhum interesse em conhecer a legislação educacional vigente no Brasil, a Constituição e os problemas do MESP.

Em uma análise[31] que fez sobre a intenção com as disciplinas, Saldaña ressalta que "EMC na ditadura tinha consonância com o regime" e que o "plano de Bolsonaro surge na esfera da discussão sobre a matriz curricular no Brasil e a BNCC". A análise faz referência a outro texto[32] que aponta o foco para a educação no plano de governo de Jair Bolsonaro, o qual pretendia

[30] Repórter em Brasília. Na *Folha* desde 2016, é setorista da área de educação. Formado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, é fundador e diretor da Jeduca (Associação de Jornalistas de Educação).
[31] Paulo Saldaña. Quarta-feira, 26 de setembro de 2018. Eleições 2018. *Incluir disciplina depende de conselho de educação.*
[32] Julio Wiziack, Mariana Carneiro, Talita Fernandes. Quarta-feira, 26 de setembro de 2018. Eleições 2018. *Bolsonaro quer educação moral e cívica no currículo das escolas.*

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

"aumentar o número de escolas militares e replicar os esquemas de escolas militares na rede pública" bem como "garantir a presença de oficiais nas escolas para manter a ordem" e "reduzir influências como as de Gramsci e Freire" (SALDAÑA, 2018, fA9).

Ao fim do ano de 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro, há mais espaço nas páginas da *Folha* a textos críticos ao ESP. Ainda em novembro daquele ano foram três textos publicados que criticavam a ideia de "doutrinação marxista". Questionamentos como "há doutrinação nas salas de aula?" e "como há doutrinação se elegeram em peso candidatos de direita?" tornaram-se mais frequentes e convidavam o leitor a refletir sobre os motivos que impulsionavam a perseguição.

O economista e mestre em Filosofia pela USP, Joel Pinheiro da Fonseca, é o autor de um desses textos[33], no qual defende que existe viés ideológico na educação de forma geral, mas que os professores "de esquerda" viraram bode expiatório frente à precariedade da educação no país, apontando também que não existe medida e nem consenso sobre a dita "doutrinação", bem como não concorda que os professores tenham tanto poder no contexto atual, onde alunos com acesso facilitado às redes confrontam diretamente o que aprendem em sala de aula, em tempo real. A intenção, de acordo com o autor do texto, é eliminar o debate sexual, pauta incluída no ESP através do impulso dado pela bancada evangélica no Congresso. Para Fonseca, a ascensão de uma "direita não esclarecida" direciona o foco para a perseguição ao invés da melhora do ensino, da atualização de professores e do investimento em estruturas melhores, tornando o ESP "mal formulado" e "obscurantista".

Em 2016 o ESP vivia seu auge, alimentado principalmente pela crise política que ascendia no Brasil e tencionando temáticas importantes para o desenvolvimento de um ensino crítico e plural. Se olharmos mais atentamente para o que foi destacado acima, e fazendo uma análise dos últimos anos, é possível verificar o problema do desmantelamento do ensino público frente ao ensino privado. Podemos começar com as greves que ocorreram em 2012[34], envolvendo as instituições federais de ensino superior, que tinham como pauta principal a reestruturação da carreira dos docentes e reajuste salarial.

Em fevereiro de 2015 o MEC foi alvo de cortes que podiam chegar até R$5,6 bilhões[35], reverberando em março do mesmo ano nas manifestações de estudantes e professores em luta

[33] Joel Pinheiro da Fonseca. Terça-feira, 13 de novembro de 2018. Poder. *Há doutrinação nas salas de aula?*.
[34] Para relembrar: http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/07/universidades-federais-entram-no-3-mes-de-greve-com-recorde-de-adesao.html. Acesso em 10/06/2023.
[35] Para relembrar: https://oglobo.globo.com/brasil/apesar-do-lema-patria-educadora-mec-alvo-de-corte-que-pode-chegar-r-56-bilhoes-15453043. Acesso em 10/06/2023.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

pela educação. Além do montante retirado, o que chama atenção aqui é o fato de que o governo e os seguidores mais exaltados do "bolsonarismo"[36] dizem ser perseguidos e que ninguém fala ou faz nada sobre as ações dos governos "esquerdistas". Pois bem, elas aconteceram e também causaram graves problemas ao sistema educacional público, um exemplo da insatisfação estudantil foram as ocupações de escolas públicas em Outubro de 2016, organizadas principalmente pela UBES[37] e que atingiram todo o país. O movimento foi considerado ilegítimo e atacado por diversos grupos, como o MBL (Movimento Brasil Livre) – responsável por organizar manifestações pró-impeachment de Dilma Rousseff.

Também em 2016 o Relatório da Clarivate para a Capes[38] apontou uma melhora significativa no desempenho da pesquisa brasileira (período 2011-2016), percebendo suas possibilidades e avanços. Não é novidade, no entanto, que a iniciativa privada se interessa pela produção científica realizada no interior das instituições públicas, porém, isto só ficou mais evidente numa esfera política a partir da campanha eleitoral de 2018.

CONSDIRAÇÕES FINAIS

Inspirado no discurso do ESP e aproveitando para introduzir a pauta religiosa neste debate, a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro explicitou o interesse em alterar a configuração do ensino no país, seja pela intenção em militarizar as escolas, seja por introduzir o "Programa Escola Sem Partido" – este mesmo que se diz 100% sem partido mas se aliou aos grupos políticos mais extremados em uma "caça às bruxas" tendo como alvo professores.

Bolsonaro e os ideólogos do ESP pautaram seu discurso em uma estratégia que resultou na constante perseguição às ideias opostas às suas antes e depois das eleições. Porém, o que vimos nestes anos de governo foi uma sucessiva falha administrativa que gerou a demissão de dois Ministros da Educação, entre eles Abraham Weintraub, que figurou sucessivos escândalos e "trapalhadas" à frente do Ministério[39]. O maior destaque é sem dúvidas o episódio do corte de verbas em 30% para algumas universidades federais, entre elas a UnB e a UFF, com base em critérios ideológicos, ou seja, universidades que criticavam abertamente o governo. A posterior extensão destes cortes às demais universidades do país, as quais ele declarou

[36] Fenômeno político de extrema-direita que eclodiu no Brasil com a ascensão da popularidade de Jair Bolsonaro, especialmente durante sua campanha na eleição presidencial no Brasil em 2018, que o elegeu presidente.
[37] União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Para saber mais: https://ubes.org.br/. Acesso em 10/06/2023.
[38] Sobre isso ver mais em: https://www.aguia.usp.br/noticias/relatorio-da-clarivate-para-capes-revela-panorama-da-producao-cientifica-do-brasil-2011-2016/. Acesso em 10/06/2023.
[39] Aqui não estou levando em conta os problemas educacionais gerados pela pandemia, pois precisaria me debruçar em outra análise.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

realizarem “balbúrdias” e “eventos ridículos”, geraram ainda mais indignação no ano de 2019, levando inúmeros estudantes, professores e opositores do governo às ruas.

Cortar verbas da educação pública é garantia de controle de quem circula nesses espaços. Com a ascensão das classes mais baixas, e sobretudo a média nos anos 2000, bem como a redução de privilégios das classes mais altas entre 2004 e 2013, fez surgir um alerta entre os privilegiados da sociedade. Aliando essa perda de espaço ao senso crítico e ao pluralismo de ideias que permitiu a ascensão de grupos minoritários, os grupos mais conservadores e o empresariado brasileiro se viram munidos com os apontamentos trazidos pelo ESP – exemplo disso é a própria construção tecnicista da Base Nacional Comum Curricular.

Como o estudo está em andamento, ainda não é possível traçar grandes rotas para pensarmos os problemas e desafios diante do que foi apresentado. O fato é que o campo conservador, que inclui a bancada BBB no Congresso – do Boi, da Bíblia e da Bala – solidificou seu discurso a partir do projeto do ESP, da fragilização social frente à crise econômica (que atingiu não só o Brasil) e do esgotamento da população frente às lideranças progressistas, impulsionando uma descrença generalizada no sistema político e fazendo emergir um grupo controverso, problemático, reacionário e violento: a nova direita.

A cada novo ataque e escândalo do governo Bolsonaro, bem como os ataques diretos a jornalistas da *Folha*, os textos passam a conter mais posicionamento e preocupação em relação ao futuro do Brasil a partir de 2019, ou seja, ao fato de que em um regime democrático, a possibilidade de entrar em contato com ideias diversas e plurais nas escolas é um privilégio. Eis a virada.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et al; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

MOURA, Fernanda P. de. **“ESCOLA SEM PARTIDO”**: Relações entre Estado, educação e religião e os impactos no Ensino de História. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, 2016. 188 f.

PENNA, F. de A.; VITORASSI, S. Movimento Escola Sem Partido e a escalada da direita no Brasil: entrevista com Fernando de Araújo Penna. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e0601, 2021. DOI: 10.5965/2175180313342021e0601. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0601. Acesso em: 19 ago. 2023.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70

SILVA, Sônia Maria de Meneses. A OPERAÇÃO "MIDIOGRÁFICA:" Lugares, fazeres e problemas na produção do conhecimento midiático. **XIII Encontro de História Anpuh-Rio – Identidades**, 2008, p. 1-9.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. A mídia, a memória e a história: a escrita do novo acontecimento histórico no tempo presente. **Anos 90**, v. 19, n. 36, 2012, p 35-65.

VENANCIO, Renato. **Resenha do livro: Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Leya, 2012. (Primeira edição em 2009), versão e-book, p. 1-31.

VITORASSI, Silvia. **História para Quê(m)?**: Ensinar História e Política na era das Redes Sociais / Silvia Vitorassi. Dissertação (Mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina -- 2018. 144 p.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v9i2.70